

# Assimetria dos sexos e construção do mundo social na teoria de Georg Simmel

Teresa Sousa Fernandes\*

Resumo: A redescoberta da obra de Georg Simmel pela sociologia actual tem contribuído para reformular problemas nucleares de teoria sociológica. A utilização de textos clássicos apresenta-se, no entanto, como um trabalho autónomo de interpretação cujos princípios importa discutir. A análise do valor da metáfora no processo de construção teórica assume aqui particular relevância. Este texto privilegia o debate destes temas (de carácter epistemológico e metodológico), relacionando-os todavia com as articulações entre a representação das identidades sexuais e a teoria das formas. Procurou-se demonstrar que a assimetria dos sexos constitui, para Simmel, o principal *a priori* dos conceitos de individualidade, cultura e sociação e que a estruturação da realidade pressupõe a antinomia e a complementaridade das categorias sexuais - o "feminino" como princípio fundador e o "masculino" como princípio gerador. O problema da desigualdade sexual conduz-nos assim a uma discussão em torno da natureza das próprias relações sociais.

A obra de Georg Simmel ocupa uma posição charneira na história da sociologia: inscrita na tradição clássica, ela transcende no entanto os seus limites e tem sido aproximada de problemáticas actuais.

A reutilização contemporânea de textos clássicos define-se, numa larga medida, como um trabalho *autónomo* de interpretação e de reconstrução teórica. Nesse exercício, o enunciado e os contornos de um problema são indissociáveis dos princípios que orientam a releitura dos textos.

Tomemos como ponto de partida a análise de uma questão particular: a representação das identidades sexuais e a sua articulação com a construção teórica do mundo cultural e social (Simmel 1989, a, b, c, d)<sup>1</sup>.

É indispensável observar, antes de mais, que para Simmel a relação masculino-feminino é inseparável de uma teoria das formas. A *vida* (categoria metafísica) só pode apreender-se na diversidade das *formas* em que se manifesta — estruturas objectivadas e independentes, exteriores à existência subjectiva dos indivíduos. Como nota Julien Freund:

"O homem encontra-se rodeado por uma multiplicidade de formas e de elementos culturais que não pode rejeitar se quiser sobreviver, mas de que também não se pode apropriar. Ele é o criador de uma cultura cujas formas se acumulam

---

\* Docente do Departamento de Sociologia do ISCTE

indefinidamente e que se divorciam dele, transformando-se em fins em si mesmos<sup>2</sup>.

A antinomia entre a vida e as formas é, pois, o fundamento da "cultura como tragédia". Mas esta pressupõe também a bipolarização dos sexos. Termos de um "dualismo absolutamente radical", as "personalidades típicas" (ou "essências") do homem e da mulher são irredutíveis<sup>3</sup>.

A essência feminina é representada por uma estrutura concêntrica. Imagem de unidade, ela evoca o fechamento do círculo: "o Eu e a sua actividade, o centro da personalidade e a sua periferia estão (...) intimamente associados"<sup>4</sup>. A essência masculina, pelo contrário, é dualista. A sua estrutura excêntrica sugere a abertura do círculo; "ser transitivo, que rompe os seus próprios contornos"<sup>5</sup>, o homem projecta-se no mundo exterior e realiza-se na acção objectivada. A noção de cultura — "espírito objectivado", segundo Simmel — manifesta essa dualidade: "A nossa cultura é masculina (...) não apenas nos seus conteúdos contingentes, mas na sua forma de cultura objectiva"<sup>6</sup>.

Este enunciado encerra um aparente paradoxo. É postulada uma relação particular de cada um dos sexos ao mundo das formas enquanto expressão de cultura. Mas o dualismo da personalidade masculina é congruente com a noção de forma, enquanto a unicidade da personalidade feminina a contraria: "a cultura feminina objectiva é uma *contradictio in adjecto*"<sup>7</sup>. O exame deste problema, tal como proposto nas páginas seguintes, é, em si mesmo, um exercício de interpretação do discurso de Simmel no confronto com algumas das leituras a que tem sido submetido. Reconhecerei, desde o início, o papel da metáfora na construção sociológica e, em particular, a significação da imagem do círculo como dispositivo simbólico de apreensão da realidade.

## I. Da representação das identidades à construção das formas

### 1. A geometria do círculo, metáfora da identidade

Gaston Bachelard chama a nossa atenção para o que se poderia designar como uma "cartografia", um "geometrismo implícito" a diferentes sistemas conceptuais. Os "círculos" que se intersectam ou excluem permitem visualizar regras lógicas; "interior" e "exterior" constituem, na filosofia, metáforas do ser e do não ser<sup>8</sup>. Dir-se-á o mesmo das construções sociológicas, onde são recorrentes as dualidades do pensamento geométrico — fechado e aberto, interior e exterior, central e periférico, superior e inferior...

Comparemos, deste ponto de vista, as perspectivas de Durkheim e Simmel. O primeiro advoga o estudo realista e objectivista dos fenómenos sociais; o segundo concebe o conhecimento sociológico por analogia com a arte: a "mise en forme" da realidade é condição de inteligibilidade. Apesar desta diferença, a metáfora do centro está subjacente às teorias de *ambos* os autores. Durkheim associa a ideia de

centralidade à imagem da "teia" (metamorfose da figura do círculo), estrutura em expansão que evoca a comunicação harmoniosa entre a "região central" e as "regiões periféricas" do espaço social. A sociedade apresenta-se como síntese de relações subordinadas a um centro (ou "eu-comum") e a imagem do agente social coincide com o ponto de intersecção de um conjunto de "filamentos" — determinações sociais e históricas que transcendem as consciências individuais. Simmel recusa esta ideia de sociedade. Na sua perspectiva, a estruturação do mundo social implica o cruzamento de uma multiplicidade de círculos — formas separadas mas intercomunicantes, irredutíveis à lógica de um princípio totalizante de identidade. Policêntrica, a visão de Simmel não exclui, no entanto, uma ideia de unidade. Ela é simplesmente, como sugere Carlo Mongardini, "deslocada para um nível mais elevado, mais omnicompreensivo, mais dialéctico, na fronteira entre a física e a metafísica". Em consequência, a função assegurada "pelo conceito de sociedade é exercida aqui pelo conceito de vida"<sup>9</sup>.

No dizer de Gertrud Kantorowicz:

"It is the essence of Simmel's idea of 'life' to revert (while always remaining in flux), to turn against itself, to 'transcend' itself. It may thus be represented by the symbol of a circle, of movement regressing into itself, of self-contained, living infinity"<sup>10</sup>.

Ser e devir — fechamento e abertura, interioridade e exterioridade — são pólos que se pressupõem, categorias contrárias e complementares assimiladas à metáfora do círculo. Fenómenos de natureza psíquica, cultural e social, podem então apreender-se, como nota Jean-Louis Vieillard-Baron, a partir da relação entre as suas manifestações periféricas e um centro, portador de sentido<sup>11</sup>.

A relação entre as categorias a que acabei de aludir é sobretudo perceptível num plano estético. O arquétipo da forma é, para Simmel, a "pura" obra de arte, cuja essência se reconhece na capacidade de "isolar um fragmento das séries indefinidamente contínuas da experiência", autonomizado e organizado "a partir de um centro interior"<sup>12</sup>. A obra de arte fornece também a *solução ideal* a um problema nuclear da modernidade: dilacerado pela consciência de uma cisão irreparável entre espírito e natureza, sujeito e objecto, o indivíduo moderno surpreende na criação artística uma imagem da "unidade perdida"<sup>13</sup>.

Convém evocar aqui, no entanto, a distinção introduzida por Simmel entre a "pura" obra de arte e o objecto de arte utilitário. A harmonia fechada da primeira — a sua estrutura concêntrica — é símbolo de totalidade; a dualidade do segundo revela-nos, pelo contrário, a natureza da existência individual e social. Inscrito, simultaneamente, em dois planos de realidade — o mundo da arte e o mundo exterior — o objecto utilitário retira a sua significação estética da coexistência de forças contrárias (centrípetas e centrífugas), sugerindo *separação* e *comunicação*<sup>14</sup>. O indivíduo participa da mesma contradição: totalidade autónoma, ele é parte dependente de uma pluralidade de círculos englobantes. O fechamento em torno de um centro interior apresenta-se, aqui, indissociável da abertura ao mundo exterior. A existência social é pois solidária da *fragmentação do eu*, da "capaci-

dade de se decompor numa pluralidade de direcções separadas da existência do ser, de tornar a periferia independente do centro"<sup>15</sup>.

A geometria do círculo é assim uma metáfora da identidade: "Uma das imagens mais frequentemente utilizadas para representar a organização dos conteúdos da vida, é a sua disposição num círculo cujo centro é ocupado pelo eu propriamente dito. Existe uma forma de relação entre este eu por um lado e, por outro, as coisas, homens, ideias, interesses (...)"<sup>16</sup>. Associada à bipolaridade vida-forma, a dialéctica entre concêntrico e excêntrico, aberto e fechado, interior e exterior... permite representar a *distância* que separa o "eu-centro" do "não-eu circunferencial"<sup>17</sup>.

O conflito entre individualidade e sociabilidade é inerente a esta concepção: a "sociedade" resulta da reunião de uma pluralidade de indivíduos e cada um deles é "um ser para ela e um ser para si". Simmel considera este dualismo um "pressuposto lógico", um *a priori* do conhecimento sociológico. A antinomia entre o todo e a parte (que aspira também à totalidade) revela-se insolúvel e exprime a tragédia da existência, de que os homens são as únicas personagens visíveis. Que representação das identidades sexuais determina esta visibilidade particular?

## 2. Representação das identidades sexuais

Concebida unicamente *por relação* ao homem, a diferença feminina aparece como "ausência", "privação": "Quase todos os debates sobre as mulheres insistem apenas no que elas são por relação — real, ideal, de valor — ao homem; ninguém se interroga sobre o que elas são *para si*"<sup>18</sup>. Simmel distancia-se destes pressupostos. Em sua opinião, a construção da identidade implica, como vimos, uma síntese das representações contraditórias do "ser para si" (identidade absoluta) e do "ser para outro" (identidade relativa). As essências do homem e da mulher manifestam, todavia, uma *combinação inversa* das duas tendências.

Assimilada à "pura" forma de arte, "a ideia do ser feminino é essa periferia sem descontinuidade, esse fechamento orgânico na harmonia das partes do ser, entre si e na sua relação equivalente ao centro — o que é justamente a fórmula do Belo"<sup>19</sup>. Retirada da multiplicidade do mundo exterior, "a mulher permanece em si, o seu mundo gravita em torno do centro próprio a esse mundo". Nada na sua identidade se apresenta como relativo, como "para outro": "separada de todas as relações e do seu carácter intermediário do ponto de vista fisiológico, psicológico e social"<sup>20</sup>, ela é unidade absoluta, "ser para si". A congruência entre essência metafísica e experiência vivida manifesta-se em múltiplos planos da existência.

O fechamento do ser feminino expressa-se numa sexualidade autónoma, centripeta; a consciência da feminilidade é independente da relação heterossexual e irredutível à maternidade. Dotada também de capacidades de apreensão imediata, a mulher é indiferente à lógica e à ética. Não necessita (como o homem) de "provar o mundo" e de "se provar ao mundo", percorrendo a distância que separa o real do ideal, a experiência da norma. Só a genialidade e a "nobreza de alma"<sup>21</sup> revelam a mesma relação íntima à totalidade, ao fundamento último das coisas, objectivan-

do em criações excepcionais (materiais ou espirituais) um poder que a mulher substancializa.

Alheio à objectivação, o princípio feminino é marginal à criação de formas de cultura ou de sociabilidade e destituído de historicidade. Esta concepção não se inscreve na metafísica do progresso que sustentou, ao longo do século XIX (como no século XX), a generalidade dos debates em torno da desigualdade sexual. Os seus pressupostos são inaceitáveis para Simmel. Alguns autores associam a mulher (como o "selvagem") a um hipotético estado de natureza, negando-lhe possibilidade de "desenvolvimento"; outros reconhecem nela uma "latência" de forças que se actualizaria em condições (históricas e sociais) favoráveis, através da passagem a um estádio superior. Ambas as posições são consideradas arbitrárias. Segundo Simmel, a mulher é latência, um presente que não pressupõe todavia a expectativa de quaisquer formas futuras. Ela permanece estranha às contingências do tempo e às discontinuidades do espaço social.

O homem, cuja essência implica "um deslocamento do centro, o abandono do fechamento do ser que caracteriza o tipo feminino"<sup>22</sup>, objectiva-se, pelo contrário, no espaço e no tempo. Ele só *conhece e se reconhece* pela mediação das formas, assimilando representações correntes ou criando novos valores. Mas as formas são estruturas impessoais e independentes, radicalmente separadas da subjectividade dos indivíduos: a existência masculina é solidária da consciência da alienação.

Os princípios feminino e masculino ("ser para si" — "ser para outro") representam pólos de uma *lógica geral* da identidade. As mulheres estão condenadas a viver num mundo "pleno de alteridade (...) que destrói inevitavelmente o puro repouso no centro interior"<sup>23</sup>; alheias às categorias "meio" e "fim", concebendo a vida como valor "em si", são reduzidas a simples instrumentos das aspirações e interesses masculinos. Este conflito, resultante de constrangimentos externos (sociais e históricos), pode produzir uma existência "triste", mas nunca "trágica". A existência masculina, essa, é vivida como tragédia — ela exprime uma *divisão interior* insuperável: "o homem é conduzido para o puramente sensual (...), a vontade subjuga-o — a vontade de absorver (*Einsaugen*) e de dominar — e é, enfim, seduzido de novo pela espiritualidade, pela Forma absoluta, pelo Transcendente como ausência de desejo"<sup>24</sup>. Ele projecta nas suas obras a aspiração à plenitude e à perfeição, para se descobrir afinal efêmero e imperfeito. Da multiplicidade (do mundo periférico exterior) à unidade (do centro interior) desenha-se um percurso indefinidamente renovado, como se a cada ponto de reunião correspondesse, em espiral, um outro modo de dissociação. Este trajecto simboliza a cultura, "percurso da alma em busca de si mesma" pela mediação das formas.

Criador de um mundo que ameaça destruí-lo mas incapaz de renunciar à vontade de absorção e de dominação, o homem objectiva na mulher (e na "pura" obra de arte) uma imagem de unidade — ele aspira à fusão no princípio feminino.

### 3. Assimetria dos sexos e ideia de forma

O princípio feminino constitui-se aqui como categoria metafísica, princípio fundador que é *indispensável* postular para conceber as formas em que se objectiva o dualismo da essência masculina. O homem constrói a sua identidade pela *absorção* do elemento feminino: apodera-se dele e introdu-lo na sua forma *autónoma* de existência. Simmel afirma-o explicitamente:

"Segundo os nossos hábitos constantes de pensamento (...) impõe-se-nos fundar a realidade dividida, unilateral e dinâmica, através de uma unidade que poderemos considerar em repouso, uma unidade absorvida (*aufgesogen*), por assim dizer, pelo ser masculino, nas suas exteriorizações e nas suas formas de vida dualistas e diferenciais, mas que persiste no ser feminino como a sua substância sensível"<sup>25</sup>.

O princípio "feminino" — a concentração interior — encontra-se assim associado, num conflito insolúvel, ao princípio "masculino" — a abertura ao mundo exterior. A individualidade, categoria do universo masculino, apresenta-se então como "a forma sob a qual esta dupla significação da existência humana tem a capacidade ou o desejo de se resolver na unidade"<sup>26</sup>.

A individualidade assim concebida suscita um problema: a *exterioridade* da mulher face ao mundo objectivo é a manifestação de uma forma singular de *interioridade*. Como interpretar esta formulação?

Retomemos a análise do sistema de oposições que define, em diferentes níveis, a assimetria dos sexos. Simmel postula, no plano ontológico, a homologia das relações feminino-masculino e ser-devir; afirmando que o ser humano em geral é uma combinação de tendências fundamentais — a diferenciação e a reunião, a imersão no tempo e a sua transcendência numa Ideia ou numa substância —, conclui que, no tipo feminino, essa combinação é diametralmente oposta à que caracteriza o tipo masculino<sup>27</sup>. No plano sociológico, a actualização das essências inverte no entanto a posição relativa dos sexos: incessante *devir*, o homem aspira a *fixar* a sua acção no objectivo e no substancial; símbolo da *permanência do ser*, a mulher encontra-se imersa no fluxo da existência<sup>28</sup>.

Nesta dupla oposição prefigura-se a reciprocidade dos termos e uma forma de equilíbrio — equilíbrio precário, todavia, ameaçado por uma terceira dualidade. Cada uma das categorias sexuais tende a dominar a relação, transcendendo-a, de diferentes modos, numa significação absoluta<sup>29</sup>. O absoluto masculino funda a objectividade teórica e normativa, situando-se *acima* de toda a subjectividade e de toda a oposição; o absoluto feminino "funda, no seu fechamento substancial e estático, a unidade do ser humano"<sup>30</sup>.

Associado ao informe, à indistinção original entre sujeito e objecto, o princípio feminino identifica-se também à estrutura concêntrica da forma "pura", "o que, desde sempre, dotou a mulher da auréola de um simbolismo cósmico, como se ela se encontrasse intimamente associada ao fundamento e à totalidade das coisas"<sup>31</sup>. A sua imagem situa-se pois *para aquém* e *para além* da antinomia entre a vida e as formas.

A análise proposta por Simmel (1989 a) repousa por conseguinte sobre um sistema de dependências mútuas, onde cada um dos termos participa do seu oposto: a autonomia interior da mulher face ao princípio masculino da objectividade normativa apresenta-se, simultaneamente, como submissão exterior; a independência exterior do homem face ao princípio feminino da unidade vela uma dependência interior. A mulher afirma-se portanto em sentido absoluto, negando-se em sentido relativo. A sua autonomia varia na razão directa da separação do universo masculino das relações e das formas. Por contraste, o homem nega-se a si mesmo ao projectar nas suas criações a aspiração ao Absoluto. Ele só se realiza plenamente quando, implicado "na multiplicidade da vida fragmentada", se distancia do mundo feminino, renunciando à unidade, ao "fechamento do ser". Mas a renúncia revela-se-lhe impossível. Enquanto o princípio masculino se impõe à mulher do exterior, o princípio feminino constitui *um dos pólos* da personalidade do homem.

Esta interpretação das articulações entre a ideia de forma e a assimetria dos sexos permite identificar um conjunto de questões.

Guy Oaks atribui a Simmel uma contradição insustentável: "Se (..) a vida actualiza nas formas as suas energias e os seus interesses (...), a sua concepção da natureza feminina parece então incoerente"<sup>32</sup>. Na opinião deste autor, a "coerência" será restabelecida se admitirmos que "uma única qualidade intemporal ou essencial pode ser atribuída à vida humana (...), a tendência para se manifestar numa multiplicidade de formas mutáveis"<sup>33</sup>.

Vimos no entanto que, para Simmel, masculino e feminino (tal como vida e forma) são categorias solidárias. Não será legítimo recusar o carácter unitário da essência da mulher sem questionar também o dualismo da essência do homem. A não ser que, prescindindo da ideia de oposição — fundadora da reflexão de Simmel —, se pressuponha a equivalência das duas categorias, uniformemente definidas pela tendência da "vida humana" à objectivação. Mas, nesse caso, é a própria teoria das formas que deverá ser globalmente rejeitada. Aceitando a relevância de uma premissa através da anulação de uma outra, G. Oaks não resolve a contradição; transfere-a apenas para outro plano e ilude problemas teóricos fundamentais.

A estruturação do mundo cultural e social exige a antinomia e a complementaridade das categorias sexuais: unicidade feminina como princípio *fundador*; dualidade masculina como princípio *gerador* do mundo das formas. Nesse contexto, o domínio sociológico do homem apresenta-se como o *reverso* da prevalência da mulher nos planos ontológico e cosmológico. Esta *inversão de poderes* implica a *ocultação da identidade feminina*, condição indispensável à revelação das identidades relativas do universo masculino. Incapaz de significar o carácter fragmentado da realidade sem o reportar a um princípio de totalidade, o homem surpreende na mulher "a unidade oculta, imperscrutável da vida e do mundo" — "como se (ela) repetisse em cada maternidade o processo (...) que separou e instaurou a unilateralidade e a mobilidade da criatura individual"<sup>34</sup>.

## II. A relação dos sexos como símbolo das formas sociais e culturais

### 1. Artes de sedução e formas de sociabilidade

A oposição masculino-feminino é, para Simmel, o "exemplo puro" de uma multiplicidade de processos sociais: "a sua configuração é determinada já por essa relatividade fundamental da nossa existência"<sup>35</sup>. Reflectir sobre ela é interrogar a natureza da própria *relação social*.

As duas categorias sexuais não são, contudo, igualmente objectiváveis. Inexprimível, a essência feminina projecta-se, de modo sempre parcial, nos valores culturais do universo masculino. Dois textos de Simmel (1989, b, c)<sup>36</sup> abordam fenómenos sociais onde se revelam, mais claramente, as articulações entre os princípios masculino e feminino e os tipos de poder que lhes estão associados. Símbolos da forma social, esses fenómenos são característicos da modernidade<sup>37</sup>.

#### 1.1. A "coquetterie"

Oscilando entre "ter" e "não-ter", o erotismo possui, segundo Simmel, uma dimensão metafísica que exprime a dualidade da existência<sup>38</sup>. A "coquetterie" é uma das suas manifestações. Mas é também um fenómeno sociológico capaz de ilustrar a interdependência dos princípios sexuais.

Exercendo com mestria a arte de dar e recusar, de afirmar e negar, a mulher revela — ou confirma — a individualidade masculina. Ela não procura, como o homem, o indivíduo *in genere*, mas o indivíduo *único*. O seu "olhar" selecciona, compara, *diferencia* os homens entre si. Ao designá-los como objectos virtuais de uma preferência exclusiva, singulariza-os. A conduta própria à "coquetterie" implica contudo, para o homem, "desenraizamento" e "incerteza".

Mantendo secreta a sua escolha, a "coquette" joga arditosamente com a bipolaridade típica do seu parceiro. Envolve-o numa conduta dualista, num movimento pendular entre atracção e rejeição. A "coquetterie" constitui, desta perspectiva, um arquétipo da interacção de elementos contrários inerente à relação social: o desejo de  *fusão no outro* é solidário da consciência da *separação do eu*, da solidão incontornável do indivíduo. Nesta interacção, a mulher sedutora exerce livremente o seu poder; manipula as regras do mundo masculino, permanecendo todavia exterior a elas: "Ao mesmo tempo que faz dominar em alternância ou sentir em simultâneo o Sim e o Não, a inclinação e a aversão, ela distancia-se de cada um dos pólos, manipulando-os como um meio através do qual se exprime em plena liberdade a sua própria personalidade"<sup>39</sup>.

O homem presente na entrega feminina a sombra de uma recusa e antevê na recusa uma "promessa de felicidade". Ele reconhece no carácter misterioso e contraditório desta conduta, a *opacidade* e a *ambivalência* da sociabilidade.

Mas a "coquetterie" só assume plenamente a forma da sociabilidade quando o homem deixa de ser o objecto da sedução feminina para participar activamente no



prazer do jogo pelo jogo, indiferente ao resultado final. Liberta da multiplicidade de conteúdos e suportes materiais, ela constitui-se como "forma completamente pura". Interação desinteressada de meras "silhuetas" da realidade<sup>40</sup>, a "coquetterie", forma lúdica do amor, identifica-se também com a arte: ela é "menos a arte de *seduzir* — inserida ainda de algum modo na esfera da realidade — do que a *arte* de seduzir, que constitui (...) o centro de rotação da relação e dos seus atractivos"<sup>41</sup>.

Notemos todavia que nesta forma "pura" de sociabilidade os poderes masculino e feminino começam por se inverter. Detentora de um segredo, a mulher adquire aqui uma visibilidade inesperada. Como assinala Abraham A. Moles, o segredo é para Simmel "a marca da transcendência do indivíduo por relação ao social"<sup>42</sup>. Vejamos como ela se manifesta no exercício da "coquetterie".

Forjando um segredo, a mulher atrai o homem para um jogo que ele não domina. É através desta inversão que ela provoca no seu parceiro, cuja masculinidade se reconhece apenas na relação heterossexual, a inquietação da identidade. A supremacia inicial da mulher é claramente a social. Motivado pela "atração da liberdade e do prazer", o comportamento feminino transforma o homem em objecto de desejo. A viabilidade da relação implica que a mulher modere a sua força, moldando-a à participação masculina, de modo a induzir reciprocidade e equilíbrio. Este equilíbrio é efémero, contudo. Suspenso da indecisão, o homem aspira ao Absoluto que representa o erotismo como princípio cósmico. Mas na plenitude da entrega feminina, surpreende uma última reserva íntima, "um recipiente fechado", um enigma de que desconhece a chave. Essa reserva apresenta-se-lhe como manifestação de um poder obscuro e imprevisível — "uma interpretação misteriosa do Sim e do Não, do dom e da recusa"<sup>43</sup>.

A interação dos princípios masculino e feminino (separados por um "abismo metafísico") permite pensar a génese da relação social — como forma "rudimentar" — e o seu arquétipo — como forma "pura". A transcendência do social efectua-se, assim, em sentidos opostos que simbolizam a bipolaridade masculina e designam os "limiões" do mundo social. Em ambos os sentidos, a imagem da mulher apresenta-se como *categoria de mediação* — entre a unidade da Vida e a multiplicidade das formas, entre estas e a Forma absoluta.

Mas, sublinha Simmel, "o poder da mulher sobre o Sim e o Não é anterior à decisão"<sup>44</sup>. A tomada de decisão — revelação do segredo — implica a ocultação da identidade feminina que volta a submeter-se às regras do mundo social. Submissão parcial e ambivalente, como veremos.

### 1.2. A moda

Através da moda, por exemplo, a mulher conforma-se às regras sociais para fazer sobressair a sua singularidade: imitando os modelos estabelecidos, ela procura "uma distinção", "um embelezamento individual da personalidade"<sup>45</sup>.

A "coquetterie" e a moda exprimem representações *contrastantes* da identidade feminina. A "coquette" manipula a seu favor a dualidade intrínseca à relação social para revelar a sua personalidade unitária, ocultando momentaneamente a identida-

de do homem; a mulher que se conforma aos ditames da moda, procede de modo inverso: as atitudes que adopta exprimem a aspiração a uma identidade relativa. Essa relatividade não anula, todavia, o "ser-para-si" da sua essência, uma vez que a moda é, como nota Simmel, "uma forma que permanece na periferia da personalidade" que, essa, subsiste como "pièce de résistance"<sup>46</sup>.

É esta indiferenciação psíquica que condena a mulher à vulnerabilidade sociológica, fazendo-a oscilar entre tipos excessivos de conduta: a plena conformidade social — "tendência à imitação universal" — ou um individualismo radical — "tendência à distinção pessoal". A moda constitui, justamente, a síntese dessas tendências: "(ela) é apenas uma das formas pelas quais os seres humanos pretendem salvaguardar a sua liberdade interior (...) abandonando a sua aparência exterior à servidão da universalidade"<sup>47</sup>.

Simmel reconhece aqui um novo símbolo da forma social<sup>48</sup>. Mas não será sobretudo enquanto fenómeno especificamente feminino que a moda ilumina a essência do social? A questão é pertinente. A mulher só pode fazer reconhecer uma identidade relativa através da manipulação engenhosa dos artifícios do mundo masculino. Revestindo-se de uma ornamentação frequentemente exuberante ela chama a atenção sobre si mesma, dissimulando o seu eu essencial: "(ela) substitui assim pela mediação social o que a personalidade não pode realizar por uma via puramente individual"<sup>49</sup>. Nesta procura de identidade relativa, a mulher *moderna* utiliza as máscaras sociais sem renunciar à independência interior face ao mundo masculino: privilegia a diferença no plano *estético*, conservando a indiferença no plano *ético*. A moda (como a "coquetterie") sintetiza, numa situação de *relativo equilíbrio*, tendências radicalmente polarizadas. Símbolo da forma social, ela aproxima-se da forma "pura" da arte.

Através da estilização do comportamento e dos artifícios da representação, as mulheres apresentam-se aos homens como seres plenamente socializados. Mas estes julgam ainda surpreender, por detrás das máscaras, as figuras inquietantes da "nobreza de alma", da sibila ou da feiticeira — "seres por intermédio dos quais uma benção ou uma maldição pode surgir do fundo imperscrutável das coisas, seres que deveríamos adorar fervorosamente, evitar cautelosamente ou afastar como os demónios"<sup>50</sup>. Na diversidade de formas que assume a relação dos sexos, no tempo e no espaço, Simmel apreende uma estrutura simbólica constante, onde o princípio feminino é identificado "ao ser em geral (...) como fundamento original (*Urgrund*) da natureza, como elemento mágico sobrenatural, ou ainda como puro elemento metafísico"<sup>51</sup>.

A ocultação do princípio feminino — solidária da relativa invisibilidade sociológica das mulheres, da sua marginalização — apresenta-se, referimo-lo já, como condição primordial da existência em sociedade. Podemos agora acrescentar que a sua *semi-revelação* (em fenómenos particulares) manifesta a própria essência — a forma "pura" — da relação social.

## 2. A cultura feminina como forma de arte

A arquitectura implícita à teoria da cultura revela-nos uma lógica idêntica à que sustenta a relação do elemento feminino às formas sociais (Cf. Simmel 1989 d).

Simmel introduz "uma discordância de princípio entre a forma da essência feminina e a da cultura objectiva em geral"<sup>52</sup>. A "cultura feminina" surge como problemática no confronto deste postulado com as profundas mudanças que, ao longo do século XIX, abalaram as concepções tradicionais dos papéis atribuíveis a cada um dos sexos. Simmel distancia-se, uma vez mais, dos principais pólos do debate contemporâneo, centrado agora nos efeitos (negativos ou positivos) da participação massiva das mulheres na vida cultural. Em sua opinião, esse debate privilegia a quantidade dos valores reproduzidos ou assimilados, ignorando o problema fundamental — a possibilidade de criação de valores especificamente femininos. A capacidade individual das mulheres para reproduzir os modelos masculinos é um facto inquestionável. No entanto, um alargamento das fronteiras culturais só poderá proceder das mulheres na medida em que elas "produzam o que os homens não podem produzir"<sup>53</sup>.

Esta formulação não é contraditória com o postulado da *incompatibilidade* feminina com a cultura objectiva. O que "os homens não podem produzir" situa-se em domínios de actividade cuja estrutura é homóloga à forma unitária da essência feminina. Simmel sustenta, por exemplo, que as formas culturais em estado de relativa indiferenciação (o canto popular) são tão propícias à livre expressão da criatividade da mulher como as formas mais sublimadas da produção intelectual (a matemática): "A abstracção das matemáticas é por assim dizer *posterior* à diferenciação dos sexos, enquanto o grau de produção dos cantos populares lhe é *anterior*". E sublinha: "Aqui como em muitos outros desenvolvimentos o grau superior é a réplica das formas inferiores"<sup>54</sup>. Em síntese, os valores femininos encontram-se associados aos "limiares" da cultura objectiva, formas "rudimentares" ou formas "puras", representações simétricas e invertidas da unidade entre espírito e natureza, sujeito e objecto, particular e universal... Não surpreenderá, pois, que Simmel defina os *arquétipos* da cultura feminina por relação ao mundo artístico.

A casa é a mais importante das criações femininas. Apesar do carácter "fluido" das actividades domésticas, a estrutura simbólica da casa — parte do mundo e mundo em si mesmo — participa da dualidade característica da forma, sem se confundir no entanto com a cultura tipicamente masculina. Simmel acentua a singularidade do espaço doméstico que, fechado sobre si próprio, sintetiza "todas as linhas do cosmos cultural"<sup>55</sup>. Esta representação é característica das sociedades modernas; análoga à da obra de arte, ela faz convergir numa nova unidade as múltiplas manifestações do mundo exterior, revelando o seu *sentido íntimo*.

A prevalência das mulheres no núcleo doméstico explica, parcialmente, a influência que elas exercem sobre todos os aspectos da vida masculina. Mas essa influência não constitui criação de cultura. Os valores femininos são apropriados e objectivados pelos homens, transpostos para o seu próprio universo. Os homens

limitam-se contudo a "traduzir", na forma aproximada e imperfeita da cultura, uma realidade em si mesma incomunicável<sup>56</sup>.

A criatividade feminina poderá também exprimir-se em certos domínios das artes — nas "artes do espaço", em particular. Através da análise do gesto, Simmel procura definir a relação particular que o homem e a mulher estabelecem com o espaço. O gestual masculino — evidenciando separação entre o movimento interior e a sua manifestação — expressa uma forma de "conquista" ou "apropriação" simbólica do espaço. Faltam-lhe a "facilidade de movimento" e o "equilíbrio tranquilo" que caracterizam o "charme" do gestual feminino, expressão de harmonia interior. Alheia à cisão entre subjectivo e objectivo, a mulher relaciona-se com o espaço de modo imediato, como "o corpo alargado da sua personalidade"<sup>57</sup>. Ela está, por isso, particularmente vocacionada para a representação dramática, onde a vida interior se comunica sem discontinuidades temporais ou espaciais. Há, pois, perfeita homologia entre arte dramática e essência feminina: em ambas se exprime "a conexão íntima das partes do ser", a unidade entre o centro e a periferia da personalidade<sup>58</sup>.

Associada, por um lado, às formas mais "puras" da arte — unidades circunscritas, libertas do fluxo desordenado da realidade —, a cultura feminina identifica-se, por outro lado, com as suas formas mais "imperfeitas". O romance, por exemplo, é um género literário adequado à mulher precisamente porque "a sua forma (...) não é 'forma' em sentido rigoroso": "o seu conteúdo não se encontra delimitado com precisão (...), o seu realismo irremediável não lhe permite libertar-se do caos da realidade"<sup>59</sup>.

Uma lógica comum governa a identificação das mulheres com certos ramos das ciências. Na opinião de Simmel, a intuição e a empatia são traços femininos particularmente relevantes para a teoria e prática da ciência médica. As mulheres demonstram possuir, neste domínio, um "saber subjectivo" que lhes permite revelar correlações entre fenómenos imperceptíveis para os homens e realizar diagnósticos mais precisos. Considerada também fundamental no domínio da história, a perspectiva feminina assume, aí, uma significação oposta. O seu valor não resulta da identificação com o objecto de conhecimento — de um "saber subjectivo" — mas de uma síntese singular entre proximidade e distância, semelhança e dissemelhança. Próxima do fundamento último das coisas e estranha à cultura dominante, a mulher "vê de outro modo"<sup>60</sup>.

Os domínios onde as mulheres exprimem, mais livremente, a sua criatividade caracterizam-se portanto pelo equilíbrio relativo dos pólos de um conflito primordial: conflito entre a existência subjectiva dos indivíduos e a objectividade normativa do mundo exterior. Os valores especificamente femininos constituem, pois, uma mediação necessária à compreensão da própria essência da cultura (masculina); eles revelam-nos a conexão entre a multiplicidade das formas e a unidade da vida subterrânea que as anima, entre as manifestações periféricas da realidade e o seu sentido interior.

### 3. Papéis femininos na "tragédia da modernidade"

Simmel debate-se insistentemente com um problema nuclear. Até que ponto o ser feminino é "desmentido" pelo exercício da objectivação? Não será possível afirmar que os critérios da "performance" masculina interferem hoje — mais do que nunca — na apreciação das competências femininas? Estas interrogações suscitam temas de evidente actualidade: como articular igualdade social e diferença pessoal? Qual o impacto da efectiva participação das mulheres na vida cultural das sociedades modernas? Apesar de embrionárias, as respostas de Simmel conduzem-nos a debates actuais.

Na sua perspectiva, a identificação do masculino ao "humano universal" constitui o principal fundamento ideológico da dominação sexual. Ao afirmar a comensurabilidade de todas as formas de vida, o igualitarismo moderno consagra, de modo particularmente problemático, a *neutralidade* dos valores masculinos. A reflexão sociológica de Simmel visa, justamente, a desconstrução desses valores.

Uma vez estabelecido o dualismo das categorias sexuais, será forçoso admitir que a forma feminina de existência "não tende para uma equivalência no interior da forma geral da cultura objectiva"<sup>61</sup>. Ao ideal de uma "humanidade autónoma", perflhado por alguns movimentos sociais do princípio deste século, Simmel contrapõe o ideal de uma "feminilidade autónoma", antecipando orientações ideológicas posteriores.

Muitos considerarão — nota Simmel, com ironia — que a relação dialéctica de formas extremas — a desigualdade e a igualdade excessivas — será propícia a uma nova síntese: "existem hoje individualistas radicais que se declaram socialistas apenas porque esperam, da passagem por um socialismo nivelador, uma hierarquização verdadeiramente conforme à natureza e uma nova aristocracia que seria efectivamente o domínio dos *melhores*"<sup>62</sup>. Esta dialéctica é alheia ao pensamento de Simmel, para quem o "igualitarismo nivelador" não se objectivaria no equilíbrio, mas numa forma totalitária de dominação. No que respeita à relação dos sexos, a conquista da igualdade (expressa na total uniformização de formas de existência) equivaleria, para a mulher, à *renúncia à identidade*. O ideal da "feminilidade autónoma" supõe, por conseguinte, um tipo de organização social fundado na *máxima distância* entre os mundos masculino e feminino: "Quanto mais radicalmente se separarem, deste modo, as essências masculina e feminina, menos resultará dessa divisão a desvalorização das mulheres (...) e maior será a autonomia com que se edifica" o seu mundo<sup>63</sup>.

Este ideal constitui, no entanto, o principal axioma da construção teórica de Simmel — o pressuposto lógico implícito aos conceitos de individualidade, de sociabilidade e de cultura. A sua anulação equivaleria, por isso, à destruição do próprio fundamento da vida em sociedade, ou da sua *representação*.

As reflexões de Simmel sobre a cultura feminina assumem, nessa perspectiva, um novo sentido. A assimetria sexual articula-se com o conflito particular que define a "tragédia da cultura" nas sociedades contemporâneas.

A época moderna caracteriza-se por uma discrepância crescente entre o desenvolvimento da cultura objectiva e o aperfeiçoamento pessoal — a cultura

subjectiva — que resulta da participação (intensiva e extensiva) nos seus conteúdos. Mais concretamente, a proliferação ilimitada do “espírito objectivo” provoca o empobrecimento acentuado — ou mesmo a regressão — do “espírito subjectivo”. Confrontado com a impessoalidade esmagadora do mundo independente das formas, o indivíduo tende a concentrar-se, excessivamente, sobre si mesmo: renuncia a toda a forma para afirmar o valor absoluto da autenticidade e originalidade da existência subjectiva. “Trata-se, assinala J. Freund, de um processo que pretende concentrar-se unicamente sobre os conteúdos subjectivos até à exaustão, na esperança de escapar à objectividade impessoal e pretensamente falsificadora das formas”<sup>64</sup>. E, no entanto, a oposição entre a vida e as formas constitui, como vimos, o próprio fundamento da cultura. O culto do “informal” equivale, por conseguinte, à instrumentalização da vida, ao triunfo da funcionalidade — o conflito da cultura moderna tende a transformar-se num *conflito contra a cultura*<sup>65</sup>.

Como repensar, neste contexto, o “problema dos sexos”? Simmel reconhece, por um lado, na participação crescente das mulheres na vida pública, um contributo decisivo para o enriquecimento da cultura subjectiva, capaz de *inflectir* o processo de instrumentalização. Considera, por outro lado, improvável que essa participação afecte, qualitativamente, os conteúdos de cultura objectiva. Em domínios restritos, contudo, a criatividade feminina desempenha uma função simbólica imprescindível: aliando sentimento interior e constrangimento exterior, ela evoca a “unidade perdida” da vida e das formas. Além disso, a imagem da mulher contemporânea, a sua busca de identidade, constitui “o próprio símbolo da alma moderna na paisagem simmeliana”, como assinala J.-L. Vieillard-Baron. “O homem pode, graças à força dos hábitos históricos das nossas sociedades, iludir a verdade inquieta da alma moderna. A mulher experimenta-a e procura verbalizá-la”<sup>66</sup>.

Em qualquer dos sentidos — inflexão da tendência à instrumentalização, figuração simbólica da unidade ou dramatização do individualismo moderno — a emancipação das mulheres parece contribuir, no essencial, para a renovação da cultura *masculina*. No entanto, segundo Simmel, a “igualdade excessiva” poderá revelar-se favorável a tipos extremos de dominação masculina, agravando o conflito contra a cultura.

### III. O trabalho de interpretação. Conclusões

É possível reconhecer, na construção de Simmel, alguns dos principais problemas que, do século XVIII a finais do século XX, têm caracterizado a reflexão sobre a assimetria dos sexos — reflexão que se articula, de modo geralmente implícito, com a construção teórica do mundo social e cultural.

Na obra de Jean-Jacques Rousseau, por exemplo, a supremacia masculina constitui, como argumentei noutro texto<sup>67</sup>, o reverso de um poder feminino secreto e indestrutível — a sua revelação está associada à origem, decadência e renovação da sociedade. O autor do *Contrato social* surpreende, na influência exercida pelas

mulheres na cultura erudita da Europa oitocentista, um sinal de decadência da Monarquia: "partout où dominant les femmes, leur goût doit aussi dominer: et voilà ce qui détermine celui de notre siècle"<sup>68</sup>. A renovação da sociedade exige a ocultação do poder feminino. À imagem da Grécia antiga, a República democrática deverá prescrever a domesticação das mulheres — "ce point seul va tout réunir", proclama Rousseau<sup>69</sup>. Representações convergentes parecem ressurgir, ciclicamente, ao longo da época moderna, assimilando o "feminismo" à decadência ou à renovação<sup>70</sup>.

Na actualidade, a ideia de "feminização do mundo" aparece associada ao debate sobre a "crise da modernidade". Neste contexto, a (re)leitura da obra de Simmel — a aceitação, rejeição ou reformulação das questões que ela enuncia — assume particular relevância.

Anti-dogmático, contrário a uma visão totalista e historicista da vida social, Simmel valoriza a heterogeneidade da vida e o pluralismo das formas. J.-L. Vieillard-Baron reconhece nessa problemática uma nova percepção, "feminizada", do mundo: "É verdade que pensamos hoje o acto criador, que pensamos os valores sociais à luz íntima e exigente de uma feminização do mundo. É uma via aberta, solitariamente, por Simmel"<sup>71</sup>. Françoise Collin chama a atenção para a proximidade de algumas das concepções diferencialistas do feminismo contemporâneo com as ideias de Simmel: "Enquanto este insiste sobre a unidade da feminilidade, elas enfatizam sobretudo a *diferença* no sentido que Derrida atribui ao termo, recorrendo às metáforas da fluidez e da espiral. A feminilidade não é assim o lugar de uma íntima adequação a si mesma, mas o de uma porosidade que não é assimilável à divisão. (...) É sobre este modelo e sobre as suas metáforas que repousa, por conseguinte, a hipótese de uma cultura alternativa, não violenta, onde a objectivação não seja instrumentalização, onde o que é exteriorizado não perca contacto com o interior"<sup>72</sup>. Guy Oaks rejeita uma concepção essencialista das identidades e repõe, noutros termos, a questão de Simmel: "haverá uma via de objectivação, isto é, um modo de interacção entre vida e forma, que exprima as qualidades específicas da existência da mulher?"<sup>73</sup>. Respondendo afirmativamente, associa a "feminização do mundo" — tendência oposta ao conjunto de forças que ameaçam a identidade do indivíduo e a coerência da cultura pessoal — a um processo de... "desmodernização". Afirmando (contra Simmel) que a objectivação é inerente à vida humana, acaba por concluir (com Simmel) que a *modalidade feminina* de objectivação constitui um factor de desconstrução ou de renovação da cultura.

A leitura consiste, frequentemente, num trabalho subterrâneo de captação e transformação de um "duplo sentido" que, permanecendo obscuro, resiste à análise. Esse procedimento favorece a exclusão de problemas cujo enunciado não se conforme, inequivocamente, aos valores ideológicos de uma época (o igualitarismo, o individualismo, a organização democrática...) — valores que a sociologia tende a incorporar nas suas premissas como algo de adquirido e, em consequência, inquestionável.

Se alguns autores reconhecem em Simmel a utilização de uma linguagem metafórica — sem contudo a submeter a exame crítico —, outros tendem a eliminá-la, considerando-a incompatível com critérios estabelecidos de objectividade científica. Submetida a uma leitura positivista, a estrutura simbólica da construção de Simmel transforma-se em “inconsistência” epistemológica. Procede-se então à sua remodelação: suprimindo a metáfora, procura-se reter o conceito “objectivo”. Essa perspectiva determina, todavia, formas particulares de apreensão dos textos. Reportemo-nos a uma ilustração exemplar. Reinhard Bendix, autor de uma tradução inglesa (1955) de *Die Kreuzung sozialer Kreise* (capítulo de *Soziologie*), considera destituída de sentido a transcrição literal — *Intersection of Social Circles*. Advoga, pois, a sua substituição por *The Web of Group-Affiliations* e adverte os seus leitores: “Utilizando o termo ‘circle’ como sinónimo de ‘group’, Simmel emprega frequentemente analogias geométricas; julguei aconselhável minimizar este jogo de palavras, sempre que compatível com uma transcrição correcta do pensamento de Simmel. Utilizei o termo ‘group formation’ quando Simmel se refere à origem de um ‘social circle’ e o termo ‘group-affiliation’ quando ele concebe que um indivíduo ‘belongs to a social circle’. Peço ao leitor que considere que na perspectiva de Simmel estes termos devem ser interpretados em sentido lato. Ele refere-se, por exemplo, às mulheres como um ‘social circle or group’, não apenas ‘when they ‘form’ a group or are ‘affiliated’ with one’, mas também quando elas desempenham um determinado papel social na sociedade”<sup>74</sup>.

Esta “tradução” (livremente assumida como re-escrita) vela pressupostos imprescindíveis à interpretação do texto. Importa contudo reter aqui um outro problema. Ao depurar a linguagem de Simmel, minimizando o que considera um mero “jogo de palavras”, R. Bendix limita-se, afinal, a substituir uma metáfora — “the circle” — por uma outra — “the web”. O conceito de “intersecção dos círculos sociais” é traduzido, como assinala E. V. Walter (1959), na linguagem do organicismo: “uma transcrição correcta do pensamento de Simmel tornaria claro que uma ‘teia’ se expande e interrelaciona, enquanto que o ‘círculo’ fecha e exclui. As construções sociológicas de Simmel não são agregados de tecidos orgânicos mas estruturas arquitectónicas; os seus ‘círculos’ são perímetros fechados que separam uma área de outra”. E o autor conclui: “as razões que levam o cientista social a escolher uma analogia e a rejeitar outra, constituem uma questão epistemológica importante; antes de considerarmos o que ele diz deveríamos determinar como visualiza a realidade”<sup>75</sup>. Esta questão permaneceu, até recentemente, marginal à reflexão dos sociólogos.

A redescoberta da obra de Simmel pela sociologia actual não será alheia ao aprofundamento do debate entre o “realismo científico” da tradição positivista e as perspectivas “interpretativas”. Richard Brown discute algumas das principais orientações da segunda tradição, propondo uma síntese que denomina “realismo simbólico” para sublinhar “que tanto a ‘realidade’ como o conhecimento que temos dela são construções simbólicas, destituídas *em última análise* de qualquer objectividade intrínseca”<sup>76</sup>. Demonstrando que os métodos científicos objectivistas são eles próprios interpretações, procura fundamentar uma concepção alternativa,



capaz de "conferir aos procedimentos interpretativos o estatuto de um método rigoroso de conhecimento"<sup>77</sup>.

As implicações desta perspectiva são múltiplas e complexas. A sua análise transcende, contudo, os objectivos deste artigo. Tentei, aqui, explorar apenas duas questões. O trabalho de interpretação apresenta-se, por um lado, como factor *constitutivo* da reflexão teórica. O estudo dos dispositivos simbólicos e pressupostos lógicos que sustentam as construções da sociologia poderá propiciar uma análise problematizadora de textos fundamentais e contribuir para questionar as clivagens entre diferentes tradições. Nesse trabalho prefigura-se, por outro lado, a necessidade de refocalizar certos temas nucleares que nem sempre se conformam com as fronteiras frequentemente artificiais — e inevitavelmente restritivas — impostas pelos "compartimentos" estanques das "sociologias específicas".

A interpretação a que procedi constitui um teste à pertinência daquelas questões. Procurei apreender os diferentes registos do pensamento de Simmel e relacionar as suas significações. Os problemas recensados podem sintetizar-se numa ideia geral: a teoria das formas pressupõe a articulação entre dimensões contrárias da realidade; identificadas aos princípios masculino e feminino e solidárias de diferentes tipos de poder, elas pressupõem-se como elementos de uma estrutura simbólica compósita, "où le sens, non content de désigner quelque chose, désigne un autre sens qui ne saurait être atteint que dans et par sa visée"<sup>78</sup>.

## Notas

- 1 Cf. Georg Simmel, "Philosophie de la modernité", 1989; 1989 a: *Ce qui est relatif et ce qui est absolu dans le problème des sexes* (pp. 69-112); 1989 b: *La coquetterie* (pp. 205-229); 1989 c: *La mode* (pp. 165-203); 1989 d: *La culture féminine* (pp. 113-163).
- 2 Julien Freund, *Introduction*, G. Simmel, 1981: 46.
- 3 A definição de "essência" é assimilável à construção de um "tipo ideal", no sentido que Max Weber atribui ao termo. Simmel utiliza, indistintamente, "essência", "personalidade típica" e "tipo" masculino ou feminino.
- 4 1989 d: 144.
- 5 *Ibid.*: 146.
- 6 *Ibid.*: 155.
- 7 *Ibid.*: 161.
- 8 Cf. Gaston Bachelard, *La poétique de l'espace*, 1989: 191-192.
- 9 Carlo Mongardini, *Georg Simmel et la sociologie contemporaine*, 1986: 125.
- 10 Gertrud Kantorowicz, *Preface to Georg Simmel's Fragments, Posthumous Essays, and Publications of his Last Years*, 1965: 5.
- 11 Cf. Jean-Louis Vieillard-Baron, *Introduction*, G. Simmel, 1989: 47-48.
- 12 G. Simmel, *L'aventure*, 1989: 308.
- 13 G. Simmel, *Florence*, 1989: 265.
- 14 G. Simmel, *The Handle*, 1965, op. cit.: 26.
- 15 G. Simmel, 1989 d: 127.
- 16 G. Simmel, *Philosophie de l'argent*, 1987: 606-607.
- 17 A significação atribuída por Simmel à figura do círculo é congruente com as concepções do romantismo alemão a que se refere Georges Poulet: "Situant le Non-Moi, ou la Nature, à la périphérie, et le Moi au centre, (la pensée romantique allemande) confère au cercle une valeur (...) explicitement subjective; car, au fond, si le centre c'est le Moi, le Moi, c'est-à-dire la conscience

humaine, règne sur le cercle. (...). Il s'agit d'un cercle proprement épistémologique et homocentrique, où la nature est placée à la périphérie, parce qu'elle est l'objet d'une pensée qui, étant essentiellement un centre d'activité et d'investigation, a pour mission de se reconnaître peu à peu en chacune des propriétés du cercle" (*Les métamorphoses du cercle*, 1979: 182-183).

- 18 G. Simmel, 1989 a: 83-84.
- 19 G. Simmel, 1989 d: 147.
- 20 Cf. G. Simmel, 1989 a: 83.
- 21 A expressão "belle âme" é aqui traduzida por "nobreza de alma".
- 22 G. Simmel, 1989 a: 83.
- 23 Ibid.: 87.
- 24 Ibid.: 81.
- 25 Ibid.: 111.
- 26 G. Simmel, *L'individualisme*, 1989: 283.
- 27 Cf. G. Simmel, 1989 d: 152.
- 28 Cf. Ibid.: 153.
- 29 Simmel considera a absolutização de um dos termos de uma antinomia, uma "tendência universal" de que a relação dos sexos constitui o "paradigma histórico". Cf. 1989 a: 70 e 106.
- 30 Ibid.: 112.
- 31 Ibid.: 110.
- 32 Guy Oaks, *Le problème des femmes dans la théorie de la culture*, 1989: 64.
- 33 Ibid.
- 34 G. Simmel, 1989 a: 108 e 111.
- 35 G. Simmel, 1989 b: 226.
- 36 Estes dois textos são, com frequência, analisados separadamente. Como se verá, contudo, a sua relação permite apreender melhor o sentido de cada um dos textos e o lugar que ocupam na sociologia de Simmel.
- 37 Crítico da ideia de progresso, Simmel parece no entanto sobrevalorizar a modernidade, onde reconhece a emergência de formas "puras" de sociabilidade.
- 38 G. Simmel, 1989 b: 226. Como nota J.-L. Vieillard-Baron, "Simmel critica ou melhor corrige Platão: a natureza intermediária do amor, marcada pelo nascimento de Eros de dois progenitores contraditórios, Riqueza e Pobreza, é uma apreensão inadequada da realidade; o amor não é um misto, ele simboliza a existência humana enquanto oscilação entre ter e não ter, posse e privação. Um misto seria uma situação estável e, em todo o caso, não seria nem um nem outro dos seus dois progenitores, dos dois elementos que o compõem. Ao misto, Simmel substitui a fórmula 'ora um ora outro'" (op. cit.: 54).
- 39 Ibid.: 215-216.
- 40 Cf. G. Simmel, 1964 a: 51.
- 41 G. Simmel, 1989 b: 219.
- 42 Abraham A. Moles, *Du secret comme expression de la réactivité sociale: Contribution à la Sociopsychologie de G. Simmel*, 1986: 227.
- 43 Cf. G. Simmel, 1989 b: 225.
- 44 Ibid.: 216.
- 45 G. Simmel, 1989 c: 185.
- 46 Ibid.: 189.
- 47 Ibid.: 191.
- 48 Cf. a este propósito J.-L. Vieillard-Baron, op. cit.: 50 e 53.
- 49 G. Simmel, 1989 c: 188.
- 50 G. Simmel, 1989 a: 110.
- 51 Ibid.: 111.
- 52 G. Simmel, 1989 d: 161.
- 53 Ibid.: 130.
- 54 Ibid.: 139-140.
- 55 Cf. Ibid.: 154.
- 56 Cf. Ibid.: 157.
- 57 Cf. Ibid.: 140-143.
- 58 Cf. Ibid.: 144.

- 59 Ibid.: 140.  
 60 Cf. Ibid.: 137.  
 61 Ibid.: 162.  
 62 Ibid.: 160.  
 63 Ibid.: 161.  
 64 J. Freund, op. cit.: 47.  
 65 Cf. Ibid.: 47-48.  
 66 J.-L. Vieillard-Baron, op. cit.: 38.  
 67 Cf. Teresa Sousa Fernandes, *Pouvoir féminin et ordre social: les paradoxes de l'inégalité dans l'oeuvre de Jean-Jacques Rousseau*, 1992.  
 68 Jean-Jacques Rousseau, *Lettre à d'Alembert*, 1967: 200.  
 69 J.-J. Rousseau, *Emile*, 1969: 258.  
 70 É relevante citar, a título ilustrativo, algumas das mais importantes referências ideológicas dos debates em torno desta questão. Ao longo do século XIX, as teorias evolucionistas associaram frequentemente a igualdade dos sexos - ou a prevalência do princípio feminino - ao "início" e ao "fim" da história. August Bebel reinterpreta, numa perspectiva marxista, as ideias de Bachofen, para quem "the end of social development resembles the beginning of human existence. The original equality returns. The mother-web of existence starts and rounds up the cycle of human affairs". A. Bebel inclui nesta "mother-web of existence" a instauração e a abolição das classes sociais: "The 'Golden Age' that man has been dreaming of for thousands of years, and after which they have been longing, will have come at last. Class rule will have reached its end for all time, and, along with it, the rule of man over women" (*Women under Socialism* (1883), 1971:348-349). Numa perspectiva liberal, Jonh Stuart Mill valoriza a igualdade dos sexos como condição de desenvolvimento das liberdades individuais e de aperfeiçoamento da espécie: "any restraint on the freedom of conduct (...) dries up *pro tanto* the principal fountain of human hapiness, and leaves the species less rich, to an inappreciable degree, in all that makes life valuable to the individual human being" (*The Subjection of Women* (1869), (1972:242). No início do século XX, Oswald Spengler assimila o feminismo contemporâneo à "decadência do Ocidente". Sustenta que, à imagem da situação original, o declínio das culturas se caracteriza pela reemergência do princípio feminino enquanto símbolo cósmico de unidade: a vida surge de novo como "não-histórica, desprovida de forma" (*A decadência do Ocidente* ("*Der Untergang des Abendlandes*", (1918), (1964:379)). Para uma contextualização das concepções de O. Spengler, consultar, entre outros, Liliane Crips, *Du féminism comme décadence: le discours sur les femmes des droites conservatrices et révolutionnaires sous la République de Weimer et le IIIème Reich*, 1991.  
 71 J.-L. Vieillard Baron, *L'image de la femme dans l'oeuvre de Georg Simmel*, 1986: 285.  
 72 Françoise Collin, *Essentialisme et dissymétrie des sexes*, 1989: 100.  
 73 G. Oaks, op. cit.: 65.  
 74 Reinhard Bendix, 1964b: 125.  
 75 E. V. Walter, *Simmel's Sociology of Power: The Architecture of Politics*, 1965: 153-154.  
 76 Richard Brown, *Métaphore et méthode: de la logique et de la découverte en sociologie*, 1977: 62.  
 77 Ibid.  
 78 Paul Ricoeur, *De l'interprétation. Essai sur Freud*, 1965: 25.

## Referências Bibliográficas

- BACHELARD, Gaston, *La poétique de l'espace*, Presses Universitaires de France, Paris, 1989.  
 BEBEL, August, *Woman under Socialism*, Schocken Books, New York, 1971.  
 BROWN, Richard H., "Métaphore et méthode: de la logique et de la découverte en sociologie", in *Cahiers Internationaux de Sociologie*, vol. LXII, Janvier-Juin, Paris, 1977.  
*Clefs pour une poétique de la sociologie*, Actes Sud, Paris, 1989.  
 COLLIN, Françoise, "Essentialisme et dissymétrie des sexes", in *Les cahiers du Griff* ("Georg Simmel"), Tierce, Printemps, Paris, 1989.

- CRIPPS, Liliane, "Du féminisme comme décadence: le discours sur les femmes des droites conservatrices et révolutionnaires sous la République de Weimer et le III<sup>ème</sup> Reich", in *L'Homme et la Société* ("Femmes et sociétés"), no. 99-100, Paris, 1991//1-2, pp. 89-98.
- FERNANDES, Teresa Sousa, "Pouvoir féminin et ordre social: les paradoxes de l'inégalité dans l'oeuvre de Jean-Jacques Rousseau", in *L'homme et la Société* ("Aliénations nationales"), no. 103, Paris, 1992/1, pp. 131-144  
"Métaphore et société", in *Revue de l'Institut de Sociologie*, Université Libre de Bruxelles, 1993, no prelo.
- FREUND, Julien, "La théorie de la forme de Simmel éclairée par ses conceptions esthétiques", in *Sociétés*, no. 11, Paris, 1986, pp. 8-10.
- KANTOROWICZ, Gertrud, "Preface to Georg Simmel's Fragments", "Posthumous Essays", and "Publications of his Last Years", in Georg Simmel et al., *Essays on Sociology, Philosophy & Aesthetics*, Kurt H. Wolff (ed.), Harper & Row, New York, 1965.
- MILL, John Stuart, MILL, Harriet Taylor, *Essays on Sex Equality*, Alice S. Rossi (ed.), University of Chicago Press, 1972.
- MOLES, Abraham, "Du secret comme expression de la réactivité sociale: contribution à la sociopsychologie de G. Simmel", in *Georg Simmel. La sociologie et l'expérience du monde moderne*, Patrick Watier (dir.), Méridiens Klincksieck, Paris, 1986.
- MONGARDINI, Carlo, "Georg Simmel et la sociologie contemporaine", in *Georg Simmel. La sociologie et l'expérience du monde moderne*, 1986.
- OAKS, Guy, "Le problème des femmes dans la théorie de la culture", in *Les cahiers du Grif* ("Georg Simmel"), Tierce, Printemps, Paris, 1989 (versão francesa da introdução a uma colectânea de textos de G. Simmel intitulada *On Women, Sexuality and Love*, Yale University Press, 1984).
- POULET, Georges, *Les métamorphoses du cercle*, Flammarion, Paris, 1979.
- RICOEUR, Paul, *De l'interprétation. Essai sur Freud*, Éditions du Seuil, Paris, 1965.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques, *Lettre à d'Alembert*, Garnier-Flammarion, Paris, 1967.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques, Emile, in *Oeuvres Complètes*, IV, Bibliothèque de la Pléiade, Gallimard, Paris, 1969.
- SIMMEL, Georg, *The Sociology of Georg Simmel*, Kurt H. Wolff (ed.), The Free Press, New York, 1964 (a).
- SIMMEL, Georg, *Conflict and the Web of Group-Affiliations*, Kurt H. Wolff, Reinhard Bendix (trans.), The Free Press, New York, 1964 (b.)
- SIMMEL, Georg, *Essays on Sociology, Philosophy & Aesthetics*, Georg Simmel et al., Kurt H. Wolff (ed), Harper & Row, New York, 1965.
- SIMMEL, Georg *Sociologie et épistémologie*, Julien Freund (int.), Presses Universitaires de France, Paris, 1981.
- SIMMEL, Georg *Les problèmes de la philosophie de l'histoire*. Presses Universitaires de France, Paris, 1984.
- SIMMEL, Georg, *Philosophie de l'argent*, Presses Universitaires de France, Paris, 1987.
- SIMMEL, Georg, *Philosophie de la modernité*, Jean-Louis Vieillard-Baron (ed., int.), Payot, Paris, 1989.
- WALTER, E. V., "Simmel's Sociology of Power: The Architecture of Politics", in *Georg Simmel et al.*, 1965.